

JULIANA GOELDNER DA SILVA

ESPORTE DA ESCOLA:

O Esporte e suas Possibilidades Pedagógicas

Monografia apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de licenciado em Educação
Física, no Curso de Licenciatura em Educação
Física, Departamento de Educação Física,
Setor de Ciências Biológicas da Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Fornari Diez

CURITIBA

2002

*Se as coisas são inatingíveis... Ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

(Mário Quintana)

*Enfim, depois de tanto erro passado
Tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurge noutro o velho amigo
Nunca perdido, sempre reencontrado.*

*É bom sentá-lo novamente ao lado
Com os olhos que contem o olhar antigo
Sempre comigo um pouco atribulado
E como sempre singular comigo.*

*Um bicho igual à mim, simples e humano
Sabendo se mover e como ver
E a disfarçar com meu próprio engano.*

*O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...*

Vinicius de Moraes

À todos aqueles que posso chamar Amigo

A meus pais Clarinda e Sergio, que lutaram e me educaram para que este momento se tornasse possível. À minha irmã Isabela, que me incentivou com muitos livros, escutou muitas reclamações e dividiu o PC. Aos seus carinhos, sorrisos e dignidade.

SUMÁRIO

RESUMO	VII
1.0 INTRODUÇÃO	1
1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2 JUSTIFICATIVA	2
2.0 REVISÃO DE LITERATURA.....	5
2.1 ESPORTE: UM REFORÇO PARA A EXCLUSÃO	5
2.2 A TEORIA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA E O ESPORTE	13
2.3 A VISÃO DUALISTA DO HOMEM E O ESPORTE	16
3.0 METODOLOGIA.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

RESUMO

Este trabalho de cunho bibliográfico busca discutir, sob o fundamento de alguns autores da Educação Física, a relação entre o esporte e a escola. A Pesquisa foi motivada pela observação de que nas aulas de Educação Física é predominante o conteúdo dos esportes, que acabam por reforçar características inerentes a ele como a competição, a exclusão, o sucesso de poucos e o fracasso de muitos, o que transforma o esporte em um reforço para a exclusão. Diante disso, procura-se estabelecer as relações entre a Teoria Crítico-Emancipatória e o esporte confrontando-a à Visão Dualista do Homem nesta linha do conhecimento da Educação Física. A partir dessas considerações busca-se uma alternativa para que o ensino dos esportes venha a despertar a criticidade e a vontade de transformação nos alunos.

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A Educação Física escolar, ao contrário da visão de muitos, tem uma função importante na formação pessoal dos alunos. Seus conteúdos, quando desenvolvidos dentro de uma metodologia que tenha como principal eixo a formação de indivíduos críticos, podem acarretar numa (trans) formação íntegra dos indivíduos, de forma que estes venham a se entender como agentes da sociedade em que estão inseridos.

Dentre os conteúdos que a Educação Física envolve pode-se destacar o esporte, que vem se desenvolvendo dentro de um sistema capitalista, e conseqüentemente absorvendo suas características competitivas, excludentes e massificadoras de corpos.

A atual situação do esporte como conteúdo escolar é uma questão que vem preocupando vários pesquisadores da área da Educação Física, pois tal atividade tem se prestado a ser elemento formador de atletas e de corpos construídos de acordo com o modelo que é apresentado como ideal, perfeito.

A Educação Física escolar tornou-se um verdadeiro celeiro de futuros atletas, onde os que têm habilidade, facilidade, até mesmo uma maior vivência anterior e maior entrosamento com determinada modalidade, necessita ser “premiado” pelo professor, seja com melhores notas, ou com um lugar no time da escola.

E como reagem os outros alunos que não tiveram a oportunidade de conhecer as modalidades esportivas? Aqueles que não têm suficiente habilidade para estar no time da escola? Aqueles que não se enquadram nos moldes de corpo

que são vistos nos esportes? Não terão eles a chance de conhecer estes esportes, de tentar adaptá-los para que de uma certa maneira o esporte seja algo que lhe propicie um conhecimento a mais, ou que sirva de algum jeito para sua vida?

Dentro do que se encontra hoje nas aulas de Educação Física, quem não se encaixa nos padrões exigidos para a prática esportiva, é deixado de lado, sem a mínima possibilidade de ao menos conhecer os esportes como um todo. Essa característica excludente, tão inerente aos esportes, é reforçada quando, os professores de Educação Física, apenas transpõem ao ambiente escolar o esporte de alto nível, sem que este sofra nenhuma modificação, o que acaba por acarretar um trauma nos alunos que não são tão habilidosos quanto à prática esportiva.

Diante desta constatação, o presente estudo de revisão bibliográfica tem como intenção analisar a possibilidade de desenvolver dentro das aulas de Educação Física um trabalho formativo¹ a partir do conteúdo esportes, na visão de alguns autores aqui tratados.

1.2JUSTIFICATIVA

A Educação Física escolar é um importante elemento formador de indivíduos. A partir dessa afirmação entende-se que esta deve trabalhar na perspectiva de contribuir para uma formação consciente, crítica, onde o aluno se torne capaz de questionar e atuar na sociedade em que está inserido.

O esporte foi transposto das competições ao ambiente escolar sem sofrer nenhuma alteração. Pode-se observar que sua prática dentro da escola assumiu um caráter competitivo e totalmente voltado ao rendimento e a descoberta de “novos

¹ O desenvolvimento do sujeito enquanto elemento que pensa e age dentro da sociedade a qual pertence, a partir de práticas pedagógicas educacionais.

talentos esportivos”, o que acarretou um período de negação do esporte como prática escolar.

Porém novas concepções sobre sua aplicação na escola vêm surgindo, trazendo o esporte como um dos elementos formadores da criticidade nos alunos, juntamente com a dança, os jogos, a ginástica, as lutas, etc.

Neste sentido encontra-se KUNZ (1994), autor da Educação Física escolar, que acredita que há possibilidades de se trabalhar o esporte na escola sob uma concepção crítico-emancipatória.

Segundo o autor, o esporte é realizado de uma forma, cada vez mais, normatizada e padronizada, impossibilitando a descoberta de novos horizontes e novas formas de realizar aqueles movimentos impostos. Essa prática constitui uma formação que despreza a característica individual de cada aluno.

Atualmente o esporte é reconhecido como um produto altamente valorizado economicamente. Onde altos valores são investidos para que melhores resultados sejam alcançados. Assim o que realmente interessa é o desempenho dos atletas em suas respectivas competições, ficando de lado a sua saúde, e principalmente, seu desenvolvimento como indivíduo atuante da sociedade, uma vez que os praticantes são adestrados de forma a obedecerem às regras pré-estabelecidas e movimentos estereotipados.

O esporte dentro da concepção crítico-emancipatória oportunizará aos alunos uma percepção, e conseqüente discussão, da repressão imposta pela padronização e limitação dos movimentos evidentemente presentes dentro, não só, da prática esportiva, como também do meio onde estão inseridos. Assim o esporte DA escola deve ser dirigido para finalidades mais pedagógicas, educacionais e menos esporte de rendimento, no qual o praticante tende a se desvincular de uma vida social normal, devido às grandes cobranças organizacionais e de trabalho intenso que esta prática exige.

Se, aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.71).

A Educação Física Escolar pode tentar abordar, de forma crítica, os problemas inerentes ao esporte, mas isto não quer dizer que o mesmo se torne exclusivamente educacional a partir dessa mudança de conceitos.

Assim, acredita-se que o esporte pode, ser trabalhado sob uma nova concepção, onde se deve privilegiar a criatividade do aluno, deixando e dando subsídios para que ele seja capaz de questionar, e possivelmente alterar, o que lhe está sendo apresentado, não só dentro do ambiente escolar, como também fora dele.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Esporte: Um reforço para a exclusão

A década de 80 no Brasil, no âmbito da Educação Física Escolar, mais particularmente tratando-se do conteúdo dos esportes, foi um período em que apareceram várias críticas sobre o modelo de esporte encontrado nas aulas de Educação Física nas escolas.

Segundo KUNZ (1994), pode-se notar claramente dois tipos de críticas. A primeira, com tendência marxista, no que se refere ao esporte como um instrumento do processo de alienação e reificação do homem na relação com a elite dominante do poder econômico. A segunda vem em direção ao processo de aprendizagem do esporte na escola, especialmente quando se trata do ensino de modalidades esportivas a crianças das séries iniciais.

Deste modo pode-se diferenciar estas duas formas de críticas da seguinte maneira: a primeira questiona o modelo de Educação Física existente, afirmando que estava errado, mas sem fornecer alternativas para que este processo pudesse ser repensado, a nível prático. Enquanto a segunda apresenta um modelo alternativo para a questão dos esportes, mas sem se preocupar mais especificamente com questões de relevância político-social e educacional dentro desta proposta.

A partir de então o ensino dos esportes dentro da Educação Física Escolar passa a ser mais discutido entre profissionais da Educação Física, surgindo assim várias propostas de ensino, inclusive daqueles que apenas criticavam o atual modelo.

Para o ensino dos esportes na Educação Física Escolar KUNZ (1994) destaca que, é preciso atentar para três pontos que são considerados chave, para que sejam minimizadas as características competitivas e conseqüentemente de

exclusão, que são inerentes aos esportes. Observar as experiências anteriores dos alunos com a modalidade a ser ensinada; considerar as influências dos esportes de alto rendimento e normatizados, que são expostos e enfatizados a todos os momentos nos diversos meios de comunicação; atentar para as condições físicas (locais e materiais) disponíveis na escola, assim como para a organização do ensino e da própria escola.

O esporte, num trabalho conjunto entre professor e aluno, se torna um importante meio para o desenvolvimento da capacidade de agir, para isso se faz necessário uma melhor compreensão do real sentido do esporte dentro de nossa sociedade, e quais as influências que ele pode ter para o nosso mundo.

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz “a dois”, e de que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.71)

O esporte é, na maioria das sociedades atuais, um fenômeno da grande importância, que se sobrepõe a questões básicas de organização e sobrevivência dos seres humanos. Depara-se com ele em todos os instantes, mesmo sem praticá-lo. Grande parte da população mundial, para não dizer toda ela, acompanha constantemente os eventos esportivos de diversas modalidades, o que acarreta uma grande influência cada vez maior sobre nossa “cultura de movimento”, e principalmente sobre conteúdo das aulas da Educação Física Escolar.

ALVES (1985) afirma temer que a perspectiva da citada cultura esteja “... formando bonecos que movem as bocas e falam como ventríloquos”.(p. 36)

Partindo dessa preocupação o autor tece os seguintes questionamentos:

Que melodias esta prática arranca desse órgão mágico que se chama corpo? Que valores se celebram? Que visões de amor? Ah! É certo que ela está cheia de ‘sinais astrais’ e de sonhos... Há atos de bruxedo a serem realizados e corpos que precisam ser transformados: que eles deixem de ser o que seriam para serem coisas diferentes. (p. 37)

A concepção tradicional de educação entende que educar é adequar o homem à sociedade, tanto no que diz respeito ao comportamento, como em relação à aparência. Segundo esse paradigma a Educação Física deve conformar os corpos ao modo de produção industrial, seguindo os ditames científicos, os quais, no entendimento de Rubem Alves em “livros sagrados” de uma determinada “religião”,

que promove grandes momentos de celebração pública nos quais, sob o entusiasmo coletivo os corpos que atingiram o mais elevados níveis de excelência se mostram ritualmente, liturgicamente, à admiração pública:

Será isto? Será que, por acaso, a verdade da Educação Física se revelará, em toda a sua força e fascínio, nestes eventos litúrgicos? Litúrgicos? É. Porque qualquer um que deles participou ou os contemplou conhece as emoções dos risos e lágrimas, e aqueles que sobem ao podium bem que se sentem muito próximos dos deuses...(idem, ibidem.)

Esse momento de êxtase da glória esportiva é resultado de anos de disciplina e ciência, de um controle rigoroso de nervos, fibras e músculos que buscam superar um centésimo de segundo ou uma mínima métrica, se manifesta em repetições sem fim dos mesmos movimentos, dos corpos contra as águas, dos corpos contra o tempo, dos corpos contra o espaço...

Porque parece que, nos catecismos da educação física, tais como aparecem nas celebrações olímpicas, a travessia não vale nada, só vale mesmo a chegada. O prazer não está na ação. O que vale mesmo é quando se chega ao podium. Também nunca vi nada, ainda, que se relacione, ainda que de longe, à educação para o amor. E haverá coisa mais importante? Amar é coisa que tem a ver com o corpo, corpo que sabe se entregar, que saber ser brinquedo, que sabe brincar. Mas parece que isto, que tem a ver com nossa felicidade, ainda não foi elevado à dignidade de coisa que merece lugar para nossa educação do corpo. (ALVES, 1985: 41)

Pode-se observar que o esporte tem um crescimento acentuado após a II Guerra Mundial, que no Brasil coincide com o fim da ditadura do Estado Novo. É neste período pós-guerra que o esporte afirma-se em grande parte dos países, com influências européias, como elemento hegemônico da cultura corporal, como afirma BRACHT (1997). Uma vez que durante a II Guerra Mundial. O esporte foi utilizado sob objetivos políticos, o que acarretou o surgimento de aspectos negativos como a vitória a qualquer preço, psuedo-amadorismo, supervalorização dos resultados, doping e suborno, ideologização esportiva, entre outros, o que além de provocar estes aspectos negativos, acabou gerando também o surgimento de um movimento protagonizador da Sociologia do Esporte.

O esporte se configura dentro da sociedade como uma unidade hierárquica mundial, dominada por um "governo internacional" (Federações Internacionais, Comitê Olímpico Internacional e demais organismos do mesmo tipo), que possui como expressão as competições internacionais (Copa do mundo, Olimpíada entre

outras), e que apresenta como elemento de linguagem o recorde. (LAUGUILLAUMIE, 1978 apud TEIXEIRA, 1999, p.196).

Assim o esporte se põe como uma realidade complexa e de difícil determinação dentro de nossa estrutura social. Esse fenômeno de grandes proporções, e que age diretamente sobre a Educação Física, gera uma série de problemas, uma vez que o esporte de alto rendimento apresenta de forma implícita duas regras consideradas básicas por KUNZ (1994), que são a sobrepujança e as comparações objetivas. Ou seja, a sobrepujança se insere uma vez que o esporte tem como princípio básico, a superação de um sobre o outro, um se sobressair em relação ao outro, e as comparações acompanham diretamente este processo já que os praticantes irão, mesmo que de forma inconsciente, comparar seus resultados e execução de movimentos, e se considerar melhores ou piores a partir das marcas atingidas.

O esporte acaba por reproduzir as complexa e variadas formas e níveis do 'se movimentar' humano. Esta redução decorre das duas regras abordadas no parágrafo anterior. A característica de redução da complexidade que produz o esporte torna-se clara somente no inter-relacionamento destas duas regras.

Com a ajuda das duas regras, nós encontramos a pista do conceito de movimento do sistema do esporte no seu sentido para a problemática do movimento humano. (HILDEBRANDT, 2001, p.27).

O esporte institucionalizado com, regras e princípios superiores e gerais, favorece a função comparativa do movimento, seus esforços são concentrados no objetivo de chegar em primeiro lugar, em vencer, ressalta HILDEBRANDT, 2001. Com o intuito de melhorar as condições esportivas, assim como também para o aumento do rendimento dos próprios atletas.

O esporte é conhecido na sua prática hegemônica, nas competições esportivas pelos meios de comunicação, não apresenta elementos de formação geral para que se torne uma prática educacional. O esporte na escola é um braço da instituição esportiva, diz BRACHT (1997), e completa os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em princípio do rendimento atlético desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que

segundo o autor, pode ser observado claramente, é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física. O esporte se ensinado como cópia fiel do esporte competição ou de alto rendimento, alimenta nos alunos a idéia de que o sucesso é apenas para uma minoria, enquanto o fracasso atinge a maior parte da população.

A aprendizagem de movimento na aula de Educação Física como problema de ensino-aprendizagem contém a adaptação a formas esportivo-motoras estereotipadas, ressalta HILDEBRANDT (2001).

A prática esportiva hoje reflete as categorias do sistema capitalista e corrobora na elaboração de uma dinâmica permeada pela: competição, rendimento, avaliação e recorde; racionalização, fragmentação e especialização; produção do homem- máquina e do atleta robô; e pela vivência abstrata e alienação. Promove o praticante a um verdadeiro operário do esporte, onde permanece submetido aos mecanismos de um processo que não controla, bem como o da ideologia dominante. (TEIXEIRA, 1999, p.197).

Os esportes são configurados dentro de uma fôrma, onde todas as formas de execução de movimento são rigidamente padronizadas, estereotipadas e normatizadas, a ponto de impedir que as práticas esportivas tanto em ambiente escolar, quanto em ambientes de lazer proporcionem um leque de muitas outras possibilidades de movimentos que não sejam aqueles pré-definidos socialmente. Isto influi diretamente sob uma participação mais subjetiva dos indivíduos que o praticam.

A diversificação que a aula de Educação Física pode proporcionar, acaba sendo encoberta pela redução das experiências e possibilidades de movimento, provocada pela normatização esportiva. A Aula de Educação Física precisa agir contra essa redução na capacidade de criação dos alunos.

A Educação Física tem de abolir a redução da complexidade. Ela tem a tarefa de desenvolver a complexidade, isto é, tem a tarefa de possibilitar uma gama muito grande de experiências diversificadas de movimento. (HILDEBRANDT, 2001, p.33).

Para HELAL, 1990 (apud TEIXEIRA, 1999, p.197), o esporte deve ser considerado como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõem como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes.

A estereotipação produzida pelo processo de esportivização age sobre o nosso 'se movimentar' de forma a limitar a própria criatividade humana. Os movimentos padronizados excluem a chance de criação de novos movimentos e/ou movimentos alternativos que possibilitem as pessoas que o executam, sentirem-se bem quando o fazem.

O processo de exclusão, que até então se acredita estar presente nos esportes, é reforçado por essa padronização de movimentos, onde quem "é capaz" de realizá-lo é aplaudido enquanto, um indivíduo que consegue o mesmo resultado, mas procurando formas diferentes para alcançá-lo, é prontamente excluído. Esta normatização, padronização, que aqui se trata como características inerentes do esporte, podem ser observadas claramente a partir da mecanização – industrialização – do mundo.

Após a Revolução Industrial, observa-se na sociedade, cada vez mais, uma forte modernização tecnológica, o que acarreta uma série de problemas sociais entre os quais pode-se citar a automatização e mecanização das máquinas de produção o que traz, ao trabalhador, uma sensação de exclusão e impotência, uma vez que este é submisso a máquina, não tendo chance de tomar iniciativas próprias, e até mesmo de usar sua capacidade de criação. Assim, é oprimido e obrigado a agir de maneira estereotipada e padronizada. Essa automatização de ações, pensamentos e movimentos se reproduzem no cotidiano dos indivíduos, em suas mais diversas ações, e muitas vezes isso acontece sem que o próprio indivíduo se dê conta.

É possível perceber que o esporte de alto rendimento não é diferente desta forma de alienação. Apesar de não existir maquinaria a ser comandada pelo homem, este se transforma em uma própria máquina de rendimentos, em busca dos melhores resultados possíveis. Assim, o esporte, e conseqüentemente o corpo, passa a ser cada vez mais um instrumento das sociedades atuais, quando bem utilizado e ajustado pode trazer grandes rendimentos. Em busca de ações padronizadas e regulamentadas, a fim de se conseguir um melhor desempenho, sem levar em conta os limites naturais do homem, o movimento é compreendido somente pela sua especificidade e funcionalidade técnica.

O mais significativo nas atividades humanas, não é mais aquilo que um sujeito na sua singularidade individual realiza, mas aquilo que é simples cópia ou aproximação de soluções encontradas por especialistas e aceito como correto por uma maioria. Formando, assim, o âmbito e os limites das experiências realizadas com movimento e corpo. (MARUN, 1986 citado por KUNZ, 1994, p 25).

O esporte tornou-se um produto muito forte dentro do mercado econômico, do atual sistema em que se vive. Cada vez mais investimentos são feitos para que melhores marcas sejam atingidas, superando os próprios limites do homem. Neste sentido há uma grande contribuição da ciência que, deixa de ter interesse nas dimensões humanas e sociais, passando a focar suas pesquisas e empregar a tecnologia disponível para uma busca de aperfeiçoamento técnico, e conseqüentemente, construir atletas de elite. Estes atletas são formados em centros modernos de treinamento de esportes de alto nível, que podem ser chamados de verdadeiras fábricas de campeões.

Dentro desta lógica de esporte rendimento, surge à necessidade de questionar sob que condições e de que forma o esporte pode ser levado para dentro das aulas de Educação Física? Será que se introduzir o esporte na escola sem que ele sofra nenhuma modificação, com todas suas regras e padronizações, ele pode contribuir de algum modo para a formação de cidadãos capazes de questionar e transformar a sociedade em que estão inseridos, e da qual fazem parte?

Como um modelo a ser seguido, o esporte está cercado por ideologias que agem, manipulam, não só o próprio esporte, mas todos os indivíduos que este envolve. A instituição esportiva sempre se valeu do argumento de que esporte é cultura, é educação, para legitimar-se no contexto social e especialmente para conseguir apoio e financiamento oficial, ressalta BRACHT (1997).

Na verdade, o esporte - educação (?), como a educação em geral, impõe às crianças e adolescentes um habitus de vida, isto é, um ethos que, implicitamente, constitui a sacramentalização das relações capitalistas de produção. Este ethos, que reforça a defesa dos valores da classe dominante e dos bufões da corte, gera indivíduos com uma visão liliputiana (fantasiosa) do real, sem autoconfiança, (...), verdadeiros homúnculos amestrados. (FREITAS, 1994, p.18).

São criadas necessidades e interesses, sem que estes sejam os interesses reais dos praticantes do esporte, para que se atinja o interesse de uma minoria. Dessa forma há a possibilidade dos interesses reais dos indivíduos serem deixados em segundo plano, senão esquecidos, para que ele possa conquistar aqueles que

foram institucionalizados como seus verdadeiros desejos, e que, na realidade, são os anseios por um resultado compatível com o mercado consumidor e com o sistema capitalista aos quais se está sujeito.

A partir das questões acima relacionadas KUNZ (1994, p 28) afirma que para que o esporte possa ser transformado de maneira a atingir os interesses reais dos sujeitos que o praticam há de se compreender três questões abordadas por BROTMANN & TREBELS (1979). A primeira significa ter a capacidade de saber se colocar na situação de outros participantes no esporte, especialmente daqueles que não possuem aquelas “devidas” competências ou habilidades para a modalidade em questão. A segunda tange a questão de ser capaz de visualizar componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo (mercadorização do esporte, por exemplo). Por fim, aborda - se o saber questionar o verdadeiro sentido do esporte e por intermédio desta visão crítica poder avaliá-lo.

A pedagogia do ensino dos esportes deve então ter como base um pressuposto teórico que aborde as relações humanas, sociais, culturais, etc, para que os alunos sintam-se preparados para prática e compreensão diferenciadas do esporte.

HILDEBRANDT (2001), descreve que a educação tem de permanecer consciente de sua relação histórico-social, sem renunciar, porém, à relação individual. A educação deve vir no sentido da realização pessoal individual e emancipação social.

Assim, pensa-se num sujeito que possa participar nos campos de ação social existentes, ao mesmo tempo em que mostre interesse no desenvolvimento de uma sociedade democrática, e por fim, que seja capaz de participar de uma mudança social racional.

2.2 A Teoria Crítico-Emancipatória e o Esporte

A teoria crítico-emancipatória deve ter como um de seus alicerces a didática comunicativa, que de acordo com KUNZ (1994), tem a função de esclarecer e aproveitar-se de todas as ações educacionais, para que o aluno enquanto sujeito deste processo educacional seja capaz de participar e contribuir social esportiva e culturalmente com a sociedade que pertence. Para que seja capaz de conhecer, reconhecer, questionar, discutir através da reflexão crítica o que encontra na sua vida.

Enfim, emancipar-se das condições que limitam o uso por parte dos sujeitos de sua consciência crítica, e com isso ajudar na edificação de sua maneira de agir dentro da sociedade. Esse processo de emancipação pode, e deve ser construído durante todo o processo educacional.

Para que o esporte seja modificado, é necessário enxergá-lo como instituição social que produz e reproduz um sistema de valores, mas é imprescindível afirmar a sua condição de produção humana, como algo passível de transformação, inclusive pela prática pedagógica.(ASSIS, 1999, p. 231).

O esporte de alto rendimento solicita das pessoas que o praticam, cada vez mais habilidades que os praticantes não conseguem atingir ou acompanhar, devido à estruturação da sociedade atualmente. Onde as crianças, e adolescentes ficam cada vez mais dentro de seus apartamentos ou casas, sem espaços para que desenvolvam suas imensas possibilidades de movimento, ou mesmo sem um lugar adequado para que possam aprender e praticar esportes.

Mesmo assim, o esporte de alto rendimento é um modelo a ser seguido, a qual todos querem atingir, o que gera uma falsa sensação de este seria o modelo ideal de esporte para todo mundo, ignorando as particularidades de cada indivíduo. Indivíduo este que está cada vez mais sujeito a condições físicas e técnicas, menos adequadas para a prática da modalidade escolhida, e mais limitado em sua criatividade e possibilidades de movimentar-se no mundo esportivo.

Na escola, não somente as disciplinas desportivas, mas também os pequenos jogos, são configurados de acordo como modelo de esporte institucionalizado. (HILDEBRANDT, 2001, p.38).

Na grande maioria das vezes, os profissionais da área não percebem esse poder de coerção que é imposto ao esporte, e acabam por reforçar esta falsa consciência.

Se for seguida a literatura até o fim dos anos 60, descobre-se uma relativa concordância nas declarações sobre as funções sócio-educativas do esporte em geral e dos jogos esportivos em especial, com as afirmações como as de que o reconhecer das determinações dos campeonatos e o respirar (manter) das regras do jogo, educam para um sentimento de responsabilidade, de cavalheirismo, de sinceridade, para trabalhar com o próximo. (BRACHT, 1992, p.75).

Mas, a tarefa de libertação desta falsa consciência não é só da Educação Física ou dos esportes, mas sim de todo o processo educacional, que é responsável pela formação do indivíduo como um todo.

Uma proposta de como agir para que esta falsa consciência seja desfeita, é através da auto-reflexão, pela qual KUNZ (1994), detecta que os agentes sociais são levados à reflexão de que sua forma de consciência é ideologicamente falsa e que a coerção que sofrem é auto-imposta. Na auto-reflexão, diz HABERMAS (1997) citado por KUNZ (1994):

Um conhecimento entendido como fim em si mesmo chega a coincidir, por força do próprio conhecimento, com o interesse emancipatório; pois o ato-de-executar da reflexão sabe-se, simultaneamente, como movimento de emancipação.

De acordo com o acima exposto, a aprendizagem pela auto-reflexão deve, através da diluição da repressão e da falsa consciência, atender os interesses do processo educacional emancipatório do conhecimento.

Para uma instituição repressiva como o esporte, a libertação de uma coerção auto-imposta implica, para uma pedagogia crítico-emancipatória, uma nova forma de coerção, desta vez imposta pelos próprios professores. Para que os alunos possam se libertar deste “comodismo da minoridade voluntária”, o professor deverá exigir que os alunos lutem contra a “falsa consciência e ilusões objetivas” do esporte. (KUNZ, 1994, p.34).

Para compreender-se o esporte e seus mais variados sentidos, e agir com autonomia sobre ele, é preciso além de uma capacidade de saber praticar o esporte, e ainda mais importante, saber de suas capacidades de interação social e comunicativa.

Assim é possível compreender que o esporte da escola não deve apenas se reduzir a uma prática corporal, e sim ser estudado em seus diversos âmbitos.

O conteúdo esporte numa concepção crítico-emancipatória deve tratar nas aulas de Educação Física Escolar de questões de características teórico-práticas, para que se permita ao aluno reorganizar o esporte de acordo com suas possibilidades e necessidades.

Quando analisado com perspectivas pedagógicas, o esporte deve apresentar uma ampla compreensão de seu significado enquanto fenômeno sóciocultural e histórico, não deixando de se considerar as diversas manifestações que influenciaram diretamente seu aparecimento, e continuam sua influência sobre as diferentes modalidades esportivas e estilos particulares, nos mais variados âmbitos. E também estimular o questionamento crítico, pois é através dele que se torna possível compreender a estrutura dos processos institucionalizados da sociedade autoritariamente e todas as reações que eles desencadeiam.

O ensino pedagógico dos esportes, tantas vezes criticado por muitos profissionais da área, se atrelado a alguns eixos norteadores, pode auxiliar no processo de ensino – aprendizagem das crianças, sem que sejam evidenciadas as características excludentes do mesmo.

Uma vez que a escola é compreendida tanto como uma instituição que reproduz os valores e características da sociedade, como também como um espaço para a produção de contra hegemonia, de contra cultura, onde pode surgir um esporte transformado.

De acordo com ASSIS (1999), esse esporte transformado deixa de lado a característica de conteúdo principal (senão único) das aulas de Educação Física, e passa a ser visto dentro de um programa que inclui diversos temas e/ou conteúdos da cultura corporal sem hierarquia. ASSIS destaca ainda, um esporte que fuja da ditadura de gestos, modelos e regras, que tenha suas normas questionadas e que atenda às características da realidade social de seus praticantes. Um esporte que possibilite uma prática prazerosa e com vivências de sucesso para todos, que se desmistifique por ser conhecido, entendido e adquirido como bem cultural.

De tal modo deve-se atenção especial para se despertar nos alunos a vontade de entender o processo de criação, e as mudanças que vêm juntamente com o desenvolvimento histórico do esporte, assim como possibilitar diferentes vivências dentro das diversas modalidades, e as funções dentro delas. Também, ainda dentro desta questão conhecer e entender o método de como o esporte é encarado pela sociedade hoje, o que ele representa e aos interesses de quem ele atende.

Pode - se, portanto avaliar que o ensino dos esportes dentro da concepção crítico-emancipatória deve se basear numa prática que, de acordo com KUNZ (1994), liberte os alunos de falsas ilusões, falsos interesses e desejos, criados e construídos e colocados à sua disposição pelo contexto sócio-cultural em que vivem.

Enquanto o ensino da Educação Física se ocupar em oferecer aos alunos apenas as conseqüências práticas das concepções anteriores, sem conseguir sensibilizá-los reflexivamente para as situações e condições do esporte que “aprenderam o gostar” ou do exercício que “aprenderam a automatizar” e, ao mesmo tempo, sensibilizá-los para um esporte que nas condições e situações poderiam realizar, não é possível superar a sua concepção hegemônica. A busca de simples alternativas práticas, também não mexe com as estruturas destas concepções hegemônicas. (KUNZ, 1994, p.114).

2.3 A Visão Dualista do Homem e o Esporte

A visão dualista de homem, que vêm desde a antiguidade até os dias atuais, contribui para esta falsa consciência, uma vez que corpo e mente são vistos com elementos distintos, ainda reforçados na prática de muitos profissionais. O que fica claro nas palavras de FONTANELLA (1997, p.7):

A visão dualista do homem é muito antiga. Ela é mesmo imemorial. [E justifica:] Na teoria, o homem é dividido. Na prática, o homem é ora dividido, ora indiviso. Quando age, o homem pode ser uno. Quando pensa, quando teoriza, quando filosofa, quando defende uma tese, o homem é presa da razão dos conceitos, das leis, das proibições, dos julgamentos, da razão que abomina o sentir, o palpar humano, o vibrar em comum [...]

FONTANELLA,(1997) destaca que existem quatro momentos em que o homem pode se recuperar desta visão: quando dança, nas relações sexuais, na arte e no esporte.

No esporte - o *homo ludens* também é simplesmente homem. Não como o intelectual. Age todo ele em consonância com o meio, com o universo, sem precaver-se disso. É também o homem indiviso. (p.21).

Apesar do esporte ainda ser um conteúdo muito trabalhado de forma tradicionalista nas aulas de Educação Física Escolar, ele ainda faz com que a maioria das crianças sinta prazer quando o praticam. Ele transmite um grande fascínio na sociedade, fazendo parte da cultura, o que pode acarretar valores positivos e/ou negativos, assim percebe-se o quanto, os professores de Educação Física, têm que atentar para este conteúdo, e da responsabilidade de transmiti-lo, tanto nas aulas de Educação Física, quanto fora delas.

O esporte proporciona ao homem uma vivência sem divisão, ou seja, uma, diz FONTANELLA (1985). O referido autor ainda destaca um exemplo desta vivência proporcionada pelo esporte que convém citar. O exemplo se refere ao jogo de futebol, onde o jogador não se distingue do solo, do ar, dos outros jogadores, ele está centrado todos em si, prevê as mais diversas situações como intuição, sem raciocínio.

Neste sentido FONTANELLA(1985) diz que o jogo demonstra que as criações culturais não dividem necessariamente o homem, satisfazendo aos preceitos que estão presentes dentro do jogo ele vive e convive fortemente com eles. Assumindo-se assim, como um homem uno em si, com os demais e com a natureza.

A conotação que os esportes vêm adquirindo, diferentemente do que se constata no seu surgimento, é a de que o jogador deve superar ao seu adversário e não a si. A característica de unidade sentida pelo jogador, juntamente com a ludicidade encontrada em sua prática, vem se perdendo diante de profissionalização do esporte, e o mais preocupante, da iniciação precoce ao treinamento esportivo, inclusive na instituição escolar.

Talvez este seja um dos porquês, da preocupação de vários autores da Educação Física em relação ao ensino dos esportes nas aulas de Educação Física Escolar, e suas futuras conseqüências para a formação dos alunos.

3.0 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa consta de uma revisão bibliográfica, realizada em obras de uma gama diferenciada de autores da Educação Física, que abordam de maneira específica o tema Esporte. A intenção é proporcionar um coletivo das idéias dos autores pesquisados, e chegar a partir de então a uma possível, ou não, utilização dos esportes como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das idéias e opiniões dos autores que aqui se trata, sobre a discussão do esporte na escola e suas implicações, deve-se analisar a sua importância e relevâncias perante a sua ação na escola, sociedade e a influência do professor de EF, neste contexto.

Como prática cultural que reúne em si valores que espelham a própria sociedade, o esporte tornou-se uma prática hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento e, também, objeto de estudo de variados campos do saber, pela capacidade de mobilização social.

Pode-se destacar, uma diferenciação, que ocorre na fala de alguns dos autores citados, entre o esporte educação e ao esporte rendimento, sendo o primeiro a ser desenvolvido na escola, de uma maneira pedagógica, a qual leve o indivíduo a adquirir conhecimentos e vivências necessárias para desenvolver uma criticidade e respeito do que lhe é apresentado e, indicar transformações não só no ensino que lhe é proposto, como na sociedade em que atua.

O ensino dos esportes nas escolas baseado na aceitação de regras e busca de resultados, favorece para a alienação do praticante que vem de encontro aos interesses da sociedade capitalista, na manutenção de classes sociais ou evitar suas práticas sejam postas em xeque. Deve-se ter clareza de que o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, não deve ser entendido como neutro em relação a valores. Assim, deve-se proporcionar uma discussão sobre o esporte, seus valores, seus significados históricos e culturais. Deixar que claro que, existe uma série de atividades que envolvem o esporte e que cada uma dela tem seu objetivo, e são realizadas com as mais diversas intenções.

O esporte é uma realidade socialmente construída, na qual se refletem as normas dominantes da sociedade em que se vive. O produto esporte destacado de tal maneira pela mídia e adotada, pela sociedade, afirma-se a condição de

espetáculo e competição que lhe é imposta, com intuito financeiro, e como forma de disciplinarização (obedecer a regras previamente definidas) e manutenção da ordem vigente adotada pela minoria que comanda a sociedade.

O professor tem uma função importante de transformação, e para que esta função se cumpra da melhor maneira possível, é necessário atentar-se para os interesses conflitantes de sociedade capitalista e construir uma perspectiva de esporte que contribua para a superação da ordem social vigente, atentando-se não aos interesses das classes dominantes, mas sim aos interesses da classe trabalhadora. Deixando de lado a reprodução dos gestos técnicos, na busca de rendimentos ou resultados, para concentrar suas ações e vivências, na criação de novas possibilidades de práticas corporais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de; FERNANDES, Mauro da Costa. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte: Uma Experiência na Formação Inicial de Professores de Educação Física.** In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, XII, 2001, Caxambú-MG.

ALVES, Ruben. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, H.T. **Conversando sobre o corpo.** Campinas, SP: Papyrus, 1985. p. 16-42

ASSIS, de Oliveira Sávio. **Realidade e Possibilidade no Esporte: A Prática Pedagógica em Questão.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol.21, nº01, 1999.

ASSIS, de Oliveira Sávio. **A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BÔAS, Marcelo da Silva Villas; FONTANELLA, Francisco Cock; PEREIRA, Vanildo Rodrigues. **As Faces do Esporte e a Educação Física.** Revista da Educação Física UEM. Vol.11, nº 01, 2000.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre, RS: Editora Magister, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo, SP: Editora Cortez, 1991.

Faria, Eliene Lopes. **O Esporte na Cultura Escolar: Usos e Significados.** In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, XII, 2001, Caxambú-MG.

FONTANELLA, Francisco Cock. **O Corpo no Limiar da Subjetividade.** Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1997.

FONTANELLA, Francisco Cock. Tese de Doutorado: **O Corpo no Limiar da Subjetividade.** Campinas, SP: UNICAMP, 1985.

FREITAS, Francisco Mauri de Carvalho. **O ópio da miséria: uma abordagem política do desporto.** Vitória, ES: Centro de Educação Física e Desportos da UFES, 1994.

HILDEBRANDT, R. **Textos Pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2001.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica de Esporte**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 1994.

MONTEIRO, Fabrício. **O Esporte Educa? Um estudo sobre a ideologia do Esporte**. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, XII, 2001, Caxambú-MG.

MORAES, Antônio Carlos. **Esporte em amostra grátis: um pequeno quadro de representação de esporte dentro da escola**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol.21, nº 01, 1999.

TEIXEIRA, Dourivaldo. **Da Complexidade Translógica entre Brincadeiras, Jogos e Esportes**. Comunicações - Caderno do Programa de Pós-Graduação Educação. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba, 1999.

TANI, Go. **Esporte e Processos pedagógicos**. In: MOREIRA, Wagner (org.). Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio. Piracicaba, SP: Editora Unipmep, pp.85-90, 2000.